

VI CONGRESSO INTERNO DO INSTITUTO DE PSICOLOGIA

A FAMÍLIA NOS ENFOQUES DE REICH E ADORNO

Juliana Gonzales

Contato com o autor: ju-gonzales@hotmail.com

Orientador: Prof. Dr. Paulo Albertini

Programa da Pós-Graduação: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

Nível do Trabalho: Iniciação científica

Introdução: Wilhelm Reich (1897-1957), analista austro-húngaro, e Theodor W. Adorno (1903-1969), filósofo e sociólogo alemão, desenvolveram perspectivas críticas frente ao fascismo. Contudo, apesar dessa compatibilidade de fundo, esses autores apresentaram diferentes leituras a respeito da família e do papel dessa instituição social na incidência do nazifascismo.

Objetivo: Esta pesquisa teórica visa explicitar e comparar as visões sobre a família nas abordagens de Reich e Adorno. **Método:** Dado esse objetivo, como material de análise utilizamos o capítulo “A ideologia da família autoritária na psicologia de massa do fascismo” do livro “Psicologia de massa do fascismo”, de Reich, e o artigo “Educação após Auschwitz”, de Adorno, além do capítulo “Família”, do livro “Temas básicos de sociologia”, de Adorno e Horkheimer. **Resultados e Discussão:** Nossa compreensão indica que Reich vê a família patriarcal como uma espécie de estado em miniatura, um locus que forma o sujeito para a aceitação natural de formas autoritárias de governo. Assim sendo, no que diz respeito às relações humanas, o apoio ao nazifascismo teria se dado por uma relação de semelhança entre a família autoritária e a orientação nazifascista. Em linhas gerais, apesar de Reich não ter proposto um modelo ideal de família, pode-se afirmar que ele apontou para a necessidade de relações mais democráticas no seio familiar e para a promoção de um contexto não marcado pela repressão da sexualidade. De acordo com o autor, o cerceamento sexual tenderia a gerar indivíduos sem confiança básica e, como consequência, ávidos por autoridade. É com essa perspectiva que Reich enxerga a disponibilidade das massas em aderir ao ideário nazifascista, em especial a classe média baixa, um espaço, devido à sua posição na estratificação social, permeável ao conservadorismo tanto político quanto nos costumes. De outra parte, Adorno entende que o apoio ao nazifascismo alemão ocorreu em função de uma ausência de autoridade, dado o desmonoramento da família, uma instituição que não sobreviveu ao avanço

do capitalismo. Segundo o autor, a vinculação ao nazifascismo aconteceu como uma forma de busca por autoridade, algo não mais presente na estrutura da família. Portanto, de acordo com essa interpretação, a ascensão do nazifascismo não possui raízes e vinculações com a forte presença da família patriarcal, mas está associada à falta do papel mediador desempenhado pela família. Em termos gerais, para Adorno, a dissolução da família não tornaria o sujeito mais livre, pois, na ausência desse lugar de autoridade e amor o sujeito estaria submetido diretamente ao corpo social, algo abstrato, portanto mais implacável e desumano. Assim, o fim da mediação familiar não significaria o fim da subjugação, apenas uma troca de opressor.

Considerações Finais: Apesar dessa discordância central, ambos apontam como problema a estrutura familiar que promove uma educação fundada na severidade e na virilidade. Reich discorreu amplamente sobre esse tema, sempre mostrando os efeitos nefastos desse tipo de educação familiar. Já Adorno ponderou que essa maneira de criação está associada à formação de posturas permeadas pela frieza, pois quem é severo consigo mesmo acaba aplicando igual padrão na relação com o outro.

Palavras-chave: Reich, Wilhelm, 1897-1957. Adorno, Theodor Weisengrund, 1903-1969. Família. Psicologia Política. Fascismo.

Agência Financiadora: Iniciação científica sem bolsa